

# A primeira gramática do (Kahenda-Mbaka) Kimbundu (Lisboa 1697) de Pedro Dias, S.J. (1621/1622-1700) e a *ars minor* (Lisboa 1573) de Manuel Álvares, S.J. (1526–1583)<sup>1</sup>

The first grammar of (Kahenda-Mbaka) Kimbundu (Lisbon 1697) by Pedro Dias, S.J. (1621/1622–1700) and the *ars minor* (Lisbon 1573) by Manuel Álvares, S.J. (1526–1583)

Gonçalo Fernandes\*

## Resumo

Pedro Dias, S.J. (1621/1622-1700) publicou a primeira gramática conhecida do Kimbundu, intitulado *Arte da Lingua de Angola, oeferecida (sic) a Virgem Senhora N[ossa] do Rosario, Mãy, e Senhora dos mesmos Pretos* (Lisboa 1697), para uso dos missionários jesuítas no nordeste do Brasil, com o intuito de estes instruírem e converterem os escravos oriundos de Angola e de outros países bantos da costa ocidental de África que ali viviam.

*Articulista convidado*

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.502>

\*Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Centro de Estudos em Letras, gf@utad.pt, orcid.org/0000-0001-5312-6385

---

1 Tradução e atualização do artigo “The first known grammar of the (Kahenda-Mbaka) Kimbundu (Lisboa 1697) and Álvares’ *Ars Minor* (Lisboa 1573)”, publicado na *Africana Linguistica*, n.º 21 (FERNANDES 2015b). Este trabalho foi financiado por fundos nacionais portugueses através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito da unidade de I&D Centro de Estudos em Letras (Ref.ª 00707).

A *Arte* de Dias, embora seja um pequeno livro (tem apenas 48 páginas) sem qualquer explicação teórica, é uma obra pioneira da linguística bantu, sendo a primeira gramática sistemática conhecida do Kimbundu, provavelmente do Kahenda-Mbaka, variante diatópica usada como língua geral ou *lingua franca* na Bahia e Rio de Janeiro, Brasil, nos finais do século XVII, pelos jesuítas, e a segunda gramática impressa de qualquer língua bantu, precedida apenas pelas *Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam* (Roma 1659) [Certas regras para melhor compreender a difícilíssima língua do povo do Congo, utilizando a norma da gramática] de Giacinto Brusciotto a Vetralla, O.F.M.Cap. (1601-1659). A *Arte da Lingua de Angola*, para além da influência do catecismo (1642) de Francesco Pacconio, S.J. (1589-1641) e António do Couto, S.J. (1614-1666), baseia-se na *ars minor* (Lisboa 1573) de Manuel Álvares, S.J. (1526-1583).

**Palavras-chave:** Brasil; Kimbundu; escravatura; colonialismo; língua geral; linguística missionária.

#### Abstract

Pedro Dias, S.J. (1621/1622-1700) published the first known grammar book of (Kahenda-Mbaka) Kimbundu, entitled *Arte da Lingua de Angola, oeferecida (sic) a Virgem Senhora N[ossa] do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos* (Lisboa 1697) [Grammar of the Language of Angola, offered to our Virgin Mother of the Rosary, and Lady of the Negroes] for use by the Jesuit missionaries, particularly in the north-eastern of Brazil, to instruct and convert the several Angolan and other Bantu western African slaves living there. Dias' *Arte*, although a small book (only 48 pages) with no theoretical explanation, is a pioneering Bantu linguistic work, being the first known systematic grammar of Kimbundu whose Kahenda-Mbaka subdialect might be used as general or *lingua franca* in Bahia and Rio de Janeiro, Brazil, in the 17<sup>th</sup> century, and the second printed grammar of any Bantu language, preceded only by the *Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam* (Rome 1659) [Some rules to better understand the most difficult language of the Congo people, using the norm of the grammar] by Giacinto Brugiotti a Vetralla, O.F.M.Cap. The *Arte da Lingua de Angola*, in addition to the influence of the catechism (1642) by Francesco Pacconio, S.J. (1589–1641) and António do Couto, S.J. (1614–1666), is based on the *ars minor* (Lisboa 1573) by Manuel Álvares, S.J. (1526–1583).

**Keywords:** Brazil, Kimbundu, slavery, colonialism, lingua franca, missionary linguistics.

## Introdução

Atualmente, é comumente reconhecido que a *Arte da Lingua de Angola, oeferecida (sic) a Virgem Senhora N[ossa] do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos* (Lisboa, 1697), escrita por Pedro Dias, S.J. (1621/1622–1700), foi a primeira gramática conhecida do Kimbundu e a segunda gramática impressa de qualquer língua bantu, antecedida apenas pelas *Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliori captu ad grammaticae normam* (Roma, 1659) [Certas regras para melhor compreender a difícilíssima língua do povo do Congo, utilizando a norma da gramática] escritas por Giacinto Brusciotto a Vetralla, O.F.M.Cap. (1601-1659). Há, contudo, algumas referências a uma gramática e vocabulário desaparecidos (talvez do Kimbundu) do peruano Lope de Castillo (Lupus de Castilla), S.J. (1595–ca.1668) intitulados *Grammatica et Vocabularium Linguae Angolanae pro faciliori instructione Aethiopum, qui ex Africa, illuc tanquam mancipia deducuntur, ut in fide Christi erudiantur* ou, em espanhol, *Grammatica y Vocabulario de la Lengua de Angola para poder instruir mas facilmente a los Negros que traen esclavos de Africa, en los Misterios de la Fe*, escritos — não sabemos se se manteve em manuscrito ou se chegou a ser publicado — por volta de 1680 (ver, e.g., Homburger, 1925, p.167; Maho, 2009, p. 17; Streit & Dindinger, 1952, p. 845).

Em 1954, Clement Martyn Doke (1893-1980) referiu-se ao livro de Dias como uma “meritorious piece of work” e “a remarkably accurate record of Ndongo” (Doke, 1954, p. 11), que era desconhecido pelos gramáticos posteriores, como do italiano Bernardo Maria (Cassarò) da Canicattì, O.F.M. Cap. (1749–1834), que “certainly has not profited from his work” (Doke, 1954, p. 11). Zwartjes, após analisar os tempos, modos e aspetos verbais nas primeiras gramáticas das línguas bantu, declarou que “sin duda su descripción [de Dias] no tiene nada en común con la obra de Brusciotto” (Zwartjes, 2009, p. 256), e acrescentou que “the description of

Tense Aspect Mood (TAM) in Dias's grammar is much more elaborate than that of Brusciotto" (Zwartjes, 2011, p. 232).

Contudo, se Dias não teve acesso ao trabalho de Brusciotto a Vetralla, conhecia o catecismo de Francesco Pacconio, S.J. (1589-1641), intitulado *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé*, publicado postumamente em Lisboa em 1642 por António do Couto, S.J. (1614-1666)<sup>2</sup>, que Dias citou por duas vezes (pp. 9 e 34). Na verdade, Pacconio não escreveu um livro de gramática, mas antepôs no seu catecismo um prólogo com "Advertencias para se ler a lingua de Angola", o que facilitou muito a compreensão do texto de Dias sobre a ortografia (Rosa, 2006, pp. 208-209; 2019, p. 99; Fernandes 2015a, pp. 48-49).

## 1. Pedro Dias

Pedro Dias foi um missionário jesuíta português no Brasil, no século XVII. Nasceu em Gouveia, no Distrito da Guarda, Portugal. Segundo Leite (1947, p. 11), morreu a 25 de Janeiro de 1700, aos 79 anos de idade. Assim, ele deve ter nascido em 1621 ou, o mais tardar, no início de Janeiro de 1622. No entanto, precisamos de mais provas documentais<sup>3</sup> para fixar definitivamente esta questão. Os pais de Dias emigraram para o Brasil com o seu filho numa idade ainda muito tenra, e ele entrou na Companhia de Jesus no Colégio do Rio de Janeiro com 19 anos, a 13 de Julho de 1641 (Leite, 1947, p. 9). Para

---

2 O jesuíta António do Couto (1614-1666) nasceu em Luanda, Angola, a 1 de Janeiro de 1614, entrou na Companhia de Jesus em 1631, trabalhou no colégio S. Salvador do Congo (atualmente Angola) do qual foi reitor durante duas décadas, e morreu em Angola a 10 de Julho de 1666 (Ver Rodrigues, 1931-1950, tomo III, vol. II, p. 368; Brásio, 1952-1988, tomo XI, pp. 100-101, e tomo XIII, p. 249).

3 Não conseguimos encontrar o registo de nascimento de Pedro Dias no Arquivo do Distrito da Guarda nem no Arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa.

Bonvini (2008, pp. 35-36), esta foi uma data importante na história de Angola e dos Jesuítas no Brasil:

O contexto histórico de 1641 não é anódino. Se esse ano coincide com a ocupação de Luanda pelos holandeses, que a consideravam o melhor mercado de escravos do mundo, no Brasil ele sucede a um ano de perturbações, tanto no Rio como em Santos e em São Paulo, que ocorrem depois da publicação do *Breve* do Papa Urbano VIII a respeito da liberdade dos ameríndios. Em 1640, revoltas antijesuíticas tiveram lugar no Rio de Janeiro (...). Um episódio, nelas ocorrido, significativo para nosso propósito, é assim evocado: “O populacho criticou acerbamente os jesuítas por possuírem mais de seiscentos escravos só em um colégio do Rio, mas os padres procuraram justificar-se alegando que os escravos ‘eram quase todos negros’” (Boxer 1973: 147) (Bonvini, 2008, pp. 35-36).

Para o historiador da Companhia de Jesus no Brasil, Serafim Leite, S.J. (1890-1969), Pedro Dias professou, no Rio de Janeiro, os três primeiros votos solenes dos jesuítas em 1660 e o quarto voto em 1679. Estudou direito civil, direito canónico e medicina, o que foi importante para cuidar dos pobres e dos escravos africanos, principalmente quando ocorreu um surto de febre amarela em Pernambuco, entre 1685 e 1694. Foi Superior da Casa dos Jesuítas de Porto Seguro (4 anos), Reitor do Colégio de Santos (3 anos), Procurador nos engenhos de açúcar (durante alguns anos) e Reitor do Colégio Jesuíta de Olinda, Pernambuco (6 anos) (Leite, 1947, pp. 9-10). Dias morreu no Colégio dos Jesuítas da Bahia no dia 25 de Janeiro de 1700.

Também segundo Leite, ele foi tão gentil e dedicado ao povo negro que os escravos africanos celebraram a sua morte com devoção (Leite, 1947, p. 10) e pediram ao Governador Geral do Brasil a honra de o conduzir ao túmulo (Leite, 1938-1950, tomo VIII, p. 199), tendo recebido o apelido de “Apóstolo do Povo Negro” (Leite, 1938-1950, tomo VIII, p. 199; 1965, p. 220; 1993, p. 220).

## 2. *A Arte da Lingua de Angola*

A *Arte da Lingua de Angola* de Pedro Dias foi publicada em Lisboa<sup>4</sup>, Portugal, em 1697, pelo impressor Miguel Deslandes<sup>5</sup> (?-1703), e tem apenas 48 páginas no formato 8°. Foi escrito em português com exemplos (aparentemente) em Kimbundu, no Colégio da Bahia (Bonvini, 2009, pp. 18-19), que era na altura o mais importante colégio jesuíta brasileiro e “permanece para a posteridade o mais alto padrão dos estudos gerais no Brasil” (Leite, 1993, p. 50).

Leite apresentou o conteúdo de uma importante carta escrita por Dias, na Bahia, a 3 de Agosto de 1694, ao 13º Superior Geral da Companhia de Jesus, Tirso González de Santalla, S.J. (1624-1705), na qual falava do seu livro e de dois vocabulários<sup>6</sup> da língua angolana que estava a preparar:

Diz que concluiu a *Arte da Língua de Angola*, movido pela necessidade espiritual em que jazem os angolanos. Compô-la segundo as regras da gramática e foi revista e aprovada pelo P.º Miguel Cardoso, natural de Angola, muito versado nessa língua, e a manda agora o Provincial para se imprimir, pedindo ao Geral a indispensável licença. Estão à espera dela muitos novos e até velhos, que trabalham com estes miserabilísimos e

- 
- 4 A *Arte* de Dias não poderia ter sido impressa fora de Portugal porque não havia autorização de impressão em nenhuma das suas colónias, com exceções para a Ásia. Fora de Portugal, a tipografia chegou primeiramente a Goa, Índia (1556), depois a Macau, China (1584-1588), e finalmente em Kazusa, Japão (1591) (Assunção, 2011, p. 95). No Brasil, as tipografias oficiais só se tornaram realidade no início do século XIX quando a família real portuguesa se mudou para o Rio de Janeiro, com a fundação da Imprensa Régia, através do decreto de 13 de Maio de 1808. Nas colónias africanas, começaram a imprimir apenas em meados do século XIX: Cabo Verde, em 1842; Angola, em 1845; e Moçambique, em 1854.
  - 5 O impressor Michel Deslandes nasceu em Thouars, França, instalou-se em Lisboa, Portugal, em 1669, e foi naturalizado português em 1684, com o nome Miguel. Após a morte de António de Melo Craesbeeck, em 1687, foi nomeado o “Impressor Real” português. Morreu em Lisboa, em 1703.
  - 6 Infelizmente, hoje (ainda) não é possível saber se Dias terminou o *Vocabolário Português-Angolano*, nem mesmo se chegou a iniciar o *Vocabolário Angolano-Português*. Não há quaisquer outras informações úteis sobre estes dois dicionários.

ignorantíssimos homens, e não se acha nenhuma Gramática desta língua, nem no Brasil nem no Reino de Angola. Tinha também começado um *Vocabolário Português-Angolano*; e logo que o concluir vai compor o *Vocabolário Angolano-Português*. Assim se acabará a dificuldade em aprender esta língua (Leite, 1947, p. 10).

Como já mencionado, a gramática de Pedro Dias consiste em 48 páginas (excluindo a folha de rosto e as autorizações). Sem qualquer explicação teórica, descreve os aspetos mais relevantes da língua angolana e apresenta algumas indicações ortoépicas e ortográficas sobre esta língua; morfologia [nominativos (4-8), pronomes relativos (9-10), pronomes nomes demonstrativos (10), conjugações verbais (11-21), verbos negativos (21-22), verbos substantivos (22), verbos defetivos ou “imperfeitos” (23), géneros (23-24), pretéritos (24-27), pretéritos mais que perfeitos (28-31), composições de substantivos verbais (31-32), aumentativos (32-33)], e regras de sintaxe [regras dos nominativos (33), verbos infinitivos (35), nomes adjetivos (35-37), pronomes relativos (37-39), substantivos “continuados” (39), processos de formação de perguntas e respostas (39-40), sintaxe do genitivo (40), partitivos (40), superlativos (41), verbos neutros (41-42), verbos ativos (42-43), sintaxe dos dativos e acusativos depois dos verbos (43), verbos “*auferendi*” (43), verbos passivos (43), locativos ou “*propria pagorum*” (43-44), gerúndios (45), advérbios (45-47), interjeições (47), e conjunções (47-48)].

Estudos linguísticos publicados recentemente examinaram a natureza pioneira da obra de Dias, embora ele tivesse afirmado na sua carta ao Superior Geral da Companhia de Jesus que tinha escrito o livro “segundo as regras da gramática” [latina] (Leite, 1947, p. 10). Zwartjes (2011, pp. 224-235), por exemplo, analisou em pormenor os conceitos de fonologia e ortografia de Dias e os principais aspetos da morfossintaxe do Kimbundu (morfologia nominal e verbal). Por exemplo, no capítulo “Dos nominativos”, declarou que a “língua de Angola” não tem declinação nem casos (Dias, 1697, p. 4), tendo corroborado o mesmo no capítulo sobre pronomes pessoais (Dias, 1697, p. 8) e sobre as perguntas e respostas (Dias, 1697, p. 39). Também indicou que esta língua não

tem voz passiva, que é construída usando os verbos ativos e certas partículas antes do verbo (Dias, 1697, p. 22). Em relação ao género, Dias também disse que esta língua não tem género, mas que este é especificado pelo uso de certas palavras, tais como “macho” e “senhor” ou “fêmea” e “senhora” (Dias, 1697, pp. 23-24). Dias não percebeu que o (Kahenda-Mbaka) Kimbundu era uma língua prefixal, mas, quando a comparou com a sintaxe portuguesa, encontrou uma construção semelhante. Por exemplo, no caso dos partitivos:

Servem de partitivos as particulas Bo, Mo, com advertencia que quando no Portuguez dizemos dos, das, de, poremos a particula Bo. v.g. Boyuma yâ yé nguami nequimoxi. Das vossas cousas naõ quero nem hũa só. Moyâma yosso onzamba yâ beta ocusuîna, entre todos os animaes o elefante he mais forçoso. O exêplo está em bo, antes do nome yûma, & em mo, antes do nome yâma. (Dias, 1697, p. 40)

## 2.1. A 'Língua de Angola'.

O missionário protestante suíço Héli Chatelain, M.E.C. (1851-1908) foi o primeiro a classificar a língua descrita na *Arte* de Dias como Kimbundu e observou que o autor, apesar de algumas limitações, tinha uma compreensão do mecanismo da língua e algumas das suas observações eram perfeitamente corretas:

A primeira obra puramente grammatical sobre o kimbundu foi a “Arte da língua de Angola, oferecida á Virgem Senhora nossa do Rosario, Mãe e Senhora dos mesmos pretos, pelo P. Pedro Dias, da Companhia de Jesus. Lisboa. Na officina de Miguel Deslandes, impressor de S[ua]. M[ajestade]. Com todas as licenças. Anno 1697”. Este livrinho era já tão raro nos fins do seculo passado que Cannecattim não teve conhecimento d'elle. Conhecemol-o nós por uma copia manuscripta que o Sr. Dr. Alfredo Troni de Loanda nos fez o obsequio de nos emprestar na véspera do nosso embarque para a Europa. Este trabalho desenvolve e completa as “regras brevíssimas” que accompanham o Catechismo, do qual também

são tirados os exemplos que devem elucidar as regras. Estas, comquanto não primem pela correccção do portuguez, nem pela propriedade da terminologia, provam, no emtanto, que o auctor entendia o mecanismo do kimbundu. No que diz respeito ao dialecto particular do Catechismo são, salvo poucas excepções, perfeitamente correctas. É provavel que o opúsculo foi escrito no Brazil, visto que a primeira licença é datada da Bahia, 13 de junho 1696 e a oitava e ultima do Paço, Lisboa, 9 de agosto 1697 (Chatelain, 1889, p. xvi).

Contudo, em todo o livro, Dias nunca se referiu à língua descrita em termos de “Kimbundu”, mas sempre como “língua de Angola” (duas vezes: título e p. 1), “língua angolana” (duas vezes: pp. 10 e 33), “língua ambunda” (uma vez: p. 17), “língua dos Ambundos” (treze ocorrências: pp. 10, 22, 33 (duas vezes), 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46 (duas vezes), e 47) e algumas expressões neutras, como “esta língua” (quatro vezes: pp. 1, 4, 22 e 23), “desta língua” (uma vez: p. 24) e “nesta língua” (sete vezes: pp. 29, 33, 34, 35, 41, 44 e 47). É importante salientar que o substantivo “Angola” não se refere ao termo geopolítico contemporâneo, o país conhecido como a atual República de Angola. Como demonstrou Rosa (2013, pp. 32-34), as fronteiras da República de Angola foram estabelecidas após a Conferência de Berlim de 1884-85. No final do século XVII, “Angola” significava a parte noroeste da atual República de Angola e parte do sudoeste da República Democrática do Congo, o que significa o reino dos Ngola habitado pelo povo Mbundu que falava Kimbundu.<sup>7</sup> Em 1891, Ladislau Batalha (1856-1939) já tinha referido:

Por três nomes ella tem sido tratada na Europa: Nbundo, Umbundo e Quimbundo. Só este último é verdadeiro, embora Heli Chatelain fôsse o

---

7 O Kimbundu é uma língua aglutinante ou aglutinativa — por oposição às línguas flexivas, ou flexionais e as línguas analíticas ou isolantes — do grupo Bantu, também conhecida como Dongo, Kimbundo, Kindongo, Loanda Mbundu, Loande, Luanda, Mbundu, N'bundo, Nbandu, Ndongo, ou Mbundu do Norte. É falada por mais de 4.000.000 de pessoas no Noroeste de Angola, principalmente na Província de Luanda (Lewis, Simons & Fennig, 2014).

primeiro a reconhecê-lo. Effectivamente tivemos accasão de ouvir dos indigenas uma phrase, entre elles proverbial, que mostra bem a distincção apresentada pelo philologo suisso: *O nbundo zuela kimbundo*, isto é, o filho do paiz (o natural, o indigena), fala kimbundo (no sentido em que nós applicamos: falar portuguez, ser claro, pão pão, queijo queijo, e outros dizeres) (Batalha, 1891, p. 8).

Levi declarou que “the generic title ‘lingua de Angola’ should be read as ‘língua Kimbundu’, given that the *Arte* is in fact a grammar of Kimbundu” (Levi, 2009, p. 383). Por outro lado, Zwartjes referiu que o Kimbundu descrito por Dias, como no catecismo de Pacconio, era provavelmente, uma variedade diferente do dialeto falado de Luanda ou do sertão, no interior de Angola: “As Chatelain (...) observes, the Kimbundu language used in Pacconio’s catechism is not exactly the same variety as the language spoken in Luanda, not that of Ambaca, but possibly the dialect spoken in the mission of Cabinda (*sic*) in the district of Ambaca”. (Zwartjes, 2011, p. 222) A designação de Cabinda é claramente uma gralha de Zwartjes, quando, na verdade, deveria ser “Cahenda”, como foi usado por Chatelain (1889, p. XVI): “O dialecto em que está escrito não é o moderno de Loanda, nem exactamente o d’Ambaca; será talvez o que se fallava no século XVII na missão de Cahenda (concelho de Ambaca)”. Não possuímos, contudo, qualquer prova documental da existência da missão jesuíta em Cahenda, mas sim um colégio capuchinho (ver, por exemplo, Bortolami 2012, p. 104; Azevedo, 2000, p. 56). António Brásio, C.S.Sp (1906–1985), nunca se referiu a qualquer colégio jesuíta ou colégio permanente naquele local. No entanto, em meados do século XIX, David Livingstone (1813-1873) ainda encontrou vestígios da outrora missão de Cahenda e provas testemunhais do grande trabalho missionário e educativo dos capuchinos e dos jesuítas, cujo desaparecimento se deveu à expulsão pelo Marquês de Pombal cerca de um século antes:

Some ten or twelve miles to the north of the village of Ambaca, there once stood the missionary station of Cahenda, and it is now quite astonishing

to observe the great numbers who can read and write in this district. This is the fruit of the labours of the Jesuit and Capuchin missionaries, for they taught the people of Ambaca; and ever since the expulsion of the teachers by the Marquis of Pombal, the natives have continued to teach each other (Livingstone, 1984 [1857], p. 382).

Uma equipa de investigação integrada por bantuistas brasileiros e angolanos tem estudado atualmente os nove dialetos do Kimbundu (Dembo, Jinga, Kadi, Lwangu, Mbaka, Mbamba, Ntemo, Puna e Sende) e concluiu que a língua descrita na gramática de Pedro Dias (assim como no catecismo de Pacconio) não é a variedade diatótica do Kimbundu da capital, Luanda, mas o subdialeto Kahenda do dialeto Mbaka, falado nos subúrbios da missão de Cahenda, localizada perto do município de Ambaka (denominada Camabatela antes de 1975), no distrito de Kwanza Norte, entre os distritos de Bengo e Malange em Angola (Angenot, Kempf & Kukanda, 2011, p. 233).

Apesar de Dias nunca ter estado em Angola, Miguel Cardoso, S.J. (1659-1721), que supervisionou o livro, nasceu em Angola. Serafim Leite (1940, p. 258) declarou que Miguel Cardoso nasceu em Luanda e entrou na ordem dos jesuítas no Brasil, no Colégio da Bahia, em 1674, quando tinha 15 anos de idade. Portanto, é improvável que ele falasse o subdialeto Kahenda-Mbaka, mas muito provavelmente, o Akwa-Loanda, falado em Luanda no século XVII. Além disso, nesse período, havia também um importante grupo social de luso-africanos (mais tarde chamados Ambakistas), que não só foram salvos do tráfico de escravos, mas que se tornaram os mais eficientes comerciantes de escravos. Estes “Ambakistas” estudaram na Missão de Cahenda e falavam o dialeto Kahenda-Mbaka. Assim, é, de facto, possível que os Jesuítas tenham usado pedagogicamente (ou talvez tenham imposto) o subdialeto Kahenda-Mbaka de Kimbundu como língua geral ou *lingua franca* no Brasil (no Rio de Janeiro e em Salvador da Bahia) no século XVII, para instruir e converter os escravos angolanos e outros grupos étnicos bantu (Angenot, Kempf & Kukanda, 2011, pp. 233-235). São, contudo, necessários mais estudos para

confirmar (ou refutar) esta hipótese. No entanto, é importante salientar, como Bonvini (2008, p. 38) referiu, que “(...) se trata de uma língua em sua integralidade, próxima da que é falada atualmente em Angola. Não se trata, de maneira nenhuma, de um pidgin ou de uma língua mista.” Dias, porém, referiu existirem variedades diatópicas, pela “variedade das terras, & nações” do povo angolano:

Tem os verbos desta lingua geralmente tres preteritos perfeitos; o 1. significa ha pouco tempo; o 2. que ha mais tempo; o 3. que ha muito mais tempo. Porém tem-se por experiencia que algũas vezes usaõ hum por outro; deve ser pela variedade das terras, & nações (Dias, 1697, p. 24).

## 2.2. A pronúncia de (Kahenda-Mbaka)

Carlota Rosa (2006) levantou um problema sobre a fonética latina apresentada por Dias quando este se referiu à pronúncia do Kimbundu. Nas “Advertencias de como se hade ler, & escrever esta Lingua”, Dias (1697, p. 1) declarou que “o Pronunciar, & escrever he como na lingua Latina.” Esta afirmação não deveria, aparentemente, causar qualquer problema, especialmente numa época em que o latim era a língua de comunicação ou *lingua franca* entre os jesuítas e os missionários, os potenciais leitores do livro e que tinham uma profunda formação das línguas clássicas. O problema é que a língua de comunicação era o latim escrito e não, alegadamente, o latim falado nas conversas do dia-a-dia. Existem, pelo menos, três variedades diferentes de pronúncia do latim e não nos é possível determinar a qual delas Dias se referia: a pronúncia tradicional portuguesa, a tradicional italiana, ou seja, a pronúncia oficial da Igreja Católica, ou a pronúncia clássica restaurada, estabelecida na Renascença. Rosa (2006, p. 215) declarou que “o produto de tantas pronúncias locais para o latim somado a diversas tentativas de fixação de pronúncias reformadas levou ao paradoxo de ter-se uma língua de comunicação internacional que nem sempre podia ser compreendida se empregada fora da terra natal daquele que a falava.”

Dias referiu, por exemplo, que o Kimbundu “naõ tem *R* dobrado, nem no principio do nome, nem no meyo, v.g. *Rierino*, hoje: *Rimi*, lingua” (Dias, 1697, p. 1). Isto significa que em Kimbundu não havia oposição fonológica entre o alofone vibrante alveolar simples [r] e o alofone vibrante alveolar múltiplo [r], razão pela qual não parece ter havido razão para escrever o dígrafo inicial ou medial <rr> , \*rrierrino ou \*rrimi.

Outra complexidade na compreensão da pronúncia Kimbundu, devido à utilização do alfabeto latino e à falta de distinção entre letra e som, i.e., grafema e fonema, tem a ver com a sucessão da consoante oclusiva ou plosiva linguodental nasal <n> e as consoantes <b>, <d>, <g>, <v> e <z>: “As letras seguintes, *B, D, G, V, Z*, se *lhe* poem antes da letra *N*, v.g. *Nburi*, carneiro. *Ndungue*, traças. *Ngombe*, rapaz. *Nvula*, chuva. *Nzambi*, Deos” (Dias, 1697, p. 1). Em ambos os casos, encontramos o esclarecimento ou parte dele, no catecismo de Pacconio & Couto (1642). No primeiro, a explicação para a pronúncia do [r] (vibrante alveolar simples), encontra-se nos dois exemplos em português, *marisco* e *marinho*: “Nunca dobram a letra, *R*, ou seja, no principio do nome, ou no meyo. Exemplo, *Ririmi*, lingua, *Ritui*, orelha, *Rigimbuluilo*, declaram: por onde se achar nome, que comece por, *R*, não se dobrará tal letra, mas pronunciarseá como a penultima de marisco, marinho, &c.” (Pacconio & Couto, 1642, pp. [XIV-XV]).

No segundo caso, Pacconio declarou que também a língua nativa do Brasil tinha as mesmas consoantes pré-nasalizadas, como nos exemplos *nde* [“tu”] e *ndaeteè* [“por isso, eu”]:

De ordinario os nomes, ou verbos que começam nestas letras, *B, D, G, V*, consoante, & *Z*. se *lhes* poem hũa letra *N*, antes porque na pronunciaçam mostram, que requerem este *N*. Exemplo. *Nbondo*, hũa certa arvore. *Nburi*, cabrito. *Ndungue*, traças. *Ndui*, Azagaia. *Ngana*, Senhor. *Ngombe*, Boy. *Nvula*, chuva. *Nvunda*, briga. *Nzambi*, Deos. *Nzamba*, Elephante. & caet. E também na lingua do Brasil se acha esta pronunciaçaõ. Exemplo. *Nde*, id est Tu. *Ndaeteè*, por isso eu (Pacconio & Couto, 1642, p. [XV]).

Por outro lado, fica evidente que Dias não conhecia a segunda edição do *Gentio de Angola* (Roma, 1661), publicado pelo capuchinho italiano Antonio Maria de Monte Prandone, O.F.M. (1607-1687)<sup>8</sup>, que poderia ter ajudado Dias na fonética do Kimbundu. A edição 1661 não é apenas uma tradução latina do catecismo de Pacconio & Couto. Monte Prandone acrescentou algumas observações linguísticas (para além de novos sermões católicos) (Fernandes 2015a, pp. 49-51). Por exemplo, em “Observationes in legendo idiomate Angollae”<sup>9</sup>, Monte Prandone inseriu uma nova ‘observação’, a (nova) número nove: “Hae syllabae *anha. anhe.* pronunciantur, vt pronuncietur apud Italos, ana, ane. Item *ge. gi.* pronunciantur vt *ghe. ghi.* Item *chi, cho.* faciunt ci. ciò” (Pacconio & Monte Prandone, 1661, p. XV) [Estas sílabas *anha, anhe* são pronunciadas como a ana e ane italiana. *Ge, gi* são pronunciadas como ghe e ghi. *Chi, cho* fazem ci e ciò]. Noutros casos, Monte Prandone inseriu a pronúncia latina ou italiana. Particularmente interessante é o suplemento de duas páginas (pp. 104-105), na parte final do catecismo, com pronomes, numerais e os ‘casos’ dos artigos para os substantivos. No entanto, ao contrário de Pedro Dias, Monte Prandone acreditava na existência, na língua angolana,

---

8 O *Lexicon Capuccinum* (1951, col. 93) refere-se ao *Catechismus pro regno Matambae, lusitanico, latino et eius regni idiomate* (Roma, 1661, col. 93) e há uma carta ao Secretário da Propaganda Fide onde ele diz ter escrito alguns catecismos na língua do Congo: “Molti mesi sono presentai V. S. Il. ma e Revu. ma alcuni Catechismi per i Sacramenti in lingua Conghese, e con la lettera Dedicatoria à lei medesima, jn ordine ad esser presentati à cotesti Eminentissimi per la stampa” (Monte Prandone citado por Brásio, 1952-1988, vol. XII, p. 314) [Há muitos meses apresentei a sua excelência ilustríssima e reverendíssima alguns catecismos para os sacramentos em língua congoleza, com carta dedicatória, a fim de serem enviados para impressão]. Estas duas citações parecem ser contraditórias, pois em Matamba a língua era o Kimbundu (e não o Kikongo) e este catecismo foi o desenvolvimento do *Gentio de Angola* e tinha sido escrito em (Kahenda-Mbaka) Kimbundu.

9 Clement Doke (1961, p. 11) não estava correto quando disse que Monte Prandone “included three pages of ‘Observationes in legendo idiomate Angollae’ in preface”, porque na edição de 1661 existem 11 ‘regras’, das quais 10 existem na primeira edição, de 1642, e o autor é Pacconio/Couto. Parece que Doke não viu o *editio princeps*.

dos mesmos casos do Latim e da existência de artigos que definiam esses casos. Também apresentou os pronomes pessoais e possessivos, e, ainda, alguns números cardinais.

Pedro Dias também estabeleceu uma comparação da fonética do Kimbundu com a portuguesa, como, por exemplo:

As syllabas, qua, que, qui, quo, quu, pronunciaõ-se como no Portuguez, v.g. Guíria, como. E assim são as seguintes, ga, gue, gui, go, gu. ja, je, ji, jo, ju. ya, ye, yi, yo, yu. (Dias, 1697, pp. 1-2).

Em lugar destas particulas Portuguezas, o, os, ao, aos, aà, às, usaõ os Ambundos da vogal O, pronunciada quasi guttural, & sem apices, porque nunca serve de vocativo, como no Portuguez, & Latim. v.g. Neambi ubana omala opembela yâyê, Deos dá aos homens a sua graça. O exemplo está em O, antes de mala, & em O, antes de pembala. O nginganga jaüaba, os Padres são bons. O exemplo está em O, antes de Nginganga (Dias, 1697, p. 33).

### 3. Influência do *ars minor* (1573) de Manuel Álvares

Numa visão rápida sobre o conteúdo da gramática de Pedro Dias, temos a impressão de uma clara influência da *De Institutione Grammatica libri tres* de Manuel Álvares, S.J. (1526-1583), que foi a principal gramática latina jesuítica após a versão final da *Ratio Studiorum* (Álvares, 1599). Apenas uma vez, Dias utilizou o termo “grammatica” em toda a obra e utilizou-o como sinónimo para o uso correto da língua, de uma forma prescritiva: “Advirta-se com tudo que pondo-se hũa destas particulas por outra, não muda o sentido; mas he impropriedade do idioma da lingua, & da grammatica” (Dias, 1697, p. 3). Desde o século XIX, os estudiosos encontraram semelhanças entre o livro de Dias e as gramáticas do latim. Por exemplo, em 1891, Ladislau Batalha (1856-1939) referiu que:

O P. Pedro Dias, trabalhador decidido, fez o mais que se podia fazer com os recursos de que lhe foi possível dispor no seu tempo. O latim era a

lingua predominante e a medida do saber de cada um. (...) Pedro Dias obedeceu a esta corrente e referiu as suas observações do kimbundo às formas e typos latinos. Assim elle imaginou descobrir na lingua de Angola casos, declinações, syntaxe equivalente, gerúndios, etc. Desconhecendo a existencia do ramo aglutinativo e dependencia e filiação que o kimbundo tem relativamente áquelle mesmo ramo a que pretence, não é difficultoso calcular a que erros foi conduzido na sua improba tarefa de conciliar o latim com a lingua de Angola (Batalha, 1891, pp. 5-6).

Dias assumiu claramente que seguiu as regras da gramática latina, mormente na segunda parte do seu livro, nas 16 páginas dedicadas à Sintaxe (pp. 33-48). Referiu expressamente que tratou das regras gerais, que pertencem a todas as línguas, incluindo esta língua africana, deixando de fora as regras específicas do latim. Explicitou também que colocou a primeira palavra da regra do latim e depois o exemplo em Kimbundu, a fim de apresentar a regra específica de que falava:

(...) tratamos sómente das regras geraes, que pertencem a todas as linguas, & que se podem accõmodar à dos Ambundos, deixando as especiaes da lingua Latina. Porem perei a primeira palavra da regra Latina, & o exemplo da lingua Angolana, declarando o exemplo da mesma lingua, para que se saiba a palavra, que pertence à regra, de que se trata (Dias, 1697, 33).

Por gramática (latina), Dias referia-se à gramática latina jesuíta ou, mais explicitamente, à *De Institutione Grammatica Libri Tres* de Manuel Álvares. Carlota Rosa (e.g, 2010, pp. 4-6; 2013, pp. 63-68) expôs a semelhança entre ambas as gramáticas e declarou, por exemplo, que “a gramática latina de Álvares, sabida de cor, oferecia uma espécie de guia de trabalho de campo. (...) O único preparo destes missionários para levar a cabo a descrição era 'saber gramática’” (Rosa, 2010, p. 6). Rosa comparou várias regras entre a edição de Álvares 1572 e a *Arte da Lingua de Angola* de Dias.

No entanto, havia quatro modelos de gramáticas de Manuel Álvares: o *ars maior*, impressa inicialmente em Lisboa em 1572 (tem 249 fólhos); a

*ars minor*, também impressa em Lisboa em 1573 sem as notas explicativas, comentários ou *scholia* (tem apenas 148 fólhos); a edição italiana de Orazio Torsellino, S.J. (1545-1599) publicada em Roma em 1584, com várias alterações na estrutura, nas regras sintáticas, e com anotações ou *scholia* (tem 340 fólhos); e a edição de António Velez, S.J. (1547-1609) (Évora, 1599) da *ars maior*, com novos *scholia* e um léxico final (791 páginas).

Com efeito, a gramática (prescritiva) de Álvares era a principal referência linguística para todos os jesuítas e eles deveriam conhecê-la de cor. Os jesuítas, sobretudo os missionários, teriam conhecido a edição abreviada ou mais simples, sem os *scholia* (para mais detalhes veja-se, por exemplo, Kemmler, 2013; 2015). Efetivamente, no século XVII, foi a versão mais curta que influenciou a maioria das edições pedagógicas jesuítas, tais como: as *Curiosas advertencias da boa gramática* (Lisboa, 1643, primeira edição de 1619) de Bartolomeu Rodrigues Chorro (fl. 16--); as *Margens da Syntaxe com a construcçam em portugues* (Porto, 1627) por João Nunes Freire (século XVII); ou as *Explicações em præcipuam partem totius artis Emmanuelis Alvari* (Lisboa, 1659) por José Soares (1629-1658).

Comparando o *ars minor* de Álvares e a *Arte* de Dias, as semelhanças são extraordinárias e por vezes Dias iniciou a regra de Kimbundu com as mesmas palavras de Álvares, inclusive em latim, como por exemplo:

Regras do Nominativo. Verbum personale, &c.

Todo o verbo pessoal nesta lingua tem seu nominativo claro, ou occulto. v.g. *Eyè üacolo, eme pêngacolo*, vós estais bem, eu tambem estou bem. O exemplo está no pronome, *Eye*. & no pronome *Eme*, nominativos claros. Também se pôde dizer: *Eye ücola, nguicola pè*: onde está o primeiro nominativo *Eye*, claro, & no segundo verbo *nguicola*, occulto. (Dias, 1697, pp. 33-34)

Verbum personale finiti modi antecedit nominatiuus aperte, vel occulte eiusdem numeri, & personae. (Álvares, 1573, p. 58v)

[O verbo pessoal do modo finito requer, antes de si, um nominativo claro ou occulto, que [deve concordar] em número e pessoa].

Especialmente, a regra da “*propria pagorum*” não poderia ser compreendida sem a gramática de Álvares:

*Propria pagorum*

Nesta lingua usaõ das preposições *Bo, Co, Mo*, em lugar das palavras, porque perguntamos: v.g. onde, de donde, para onde, perque parte. Com advertencia que as mesmas preposições se accõmodaõ à reposta de cada hũa destas perguntas conforme a significação dos verbos: v.g. com os verbos de quietação significaõ, *in*. Exemplo. *Fula üacála bobata riae*. Pedro está em sua casa. *üabichile mo Luanda*, passou por Loanda, *üatundu conzo*, sahio de casa. *üay cobata*, foi para casa (Dias, 1697, pp. 43-44).

*Propria pagorum, castellorum, urbium, primae, uel secundae declinationis ponuntur in genitiuo, post quoduis uerbum, si interrogatio fiat per aduerbium, Vbi.* (Álvares, 1573, p. 77v).

[Os nomes próprios de lugares, castelos, ou cidades da primeira ou da segunda declinação são colocados em genitivo depois de qualquer verbo se a pergunta começar pelo advérbio *ubi*].

No exemplo seguinte, Dias utilizou o livro de Álvares para enfatizar as diferenças entre ambas as línguas e para especificar as idiossincrasias de Kimbundu:

*Prima, & secunda persona, &c.*

A primeira, & segunda pessoa poem-se claramente, quando diversas pessoas mostraõ contrarios desejos. v.g. Eme ngandala culunda o milonga yâ nzambi, eye cuandala cuilundâ, eu guardo os preceitos de Deos, mas tu não queres guardalos. O exemplo está nos dous pronomes, Eye, & Eme, postos claramente; porque os agentes mostraõ diversos desejos; porque hum quer, & outro não quer. (Dias, 1697, p. 34).

*Prima, & secunda persona fere non explicantur, nisi cum diuersa studia significamus.* (Álvares, 1573, p. 58v)

[A primeira e a segunda pessoa não são normalmente explicadas, exceto quando queremos significar situações diferentes.]

Na citação seguinte, ao utilizar o advérbio “também”, parece que Dias se estava referindo ao livro de Álvares:

Aut cum plus significamus, &c.

Tambem se diz nesta lingua mais do que significamos. v.g. Eye ùabeta Fula o cuaba o maxima, Tu levas ventagem a Francisco na bondade. O exemplo está no pronome Eye. As vezes collocaõ o nominativo depois do verbo. v.g. Momaca aa amba atu ayari, nesta pratica fallaõ duas pessoas. O exemplo está em atu ayari, nominativo do verbo Amba, posposto (Dias, 1697, p. 34).

Aut cum plus significamus, quam dicimus: (...)

Tu, innocentior, quam Mettellus? Tu, plus significat, quam uerbum ipsum per se declarat. (ÁLVARES, 1573, p. 58v)

[Ou quando queremos dizer mais do que dizemos .... É mais inocente do que Metello? Tu, significa mais do que o verbo se declara por si.].

Em síntese, a fonte de Dias não poderia ter sido outra senão Manuel Álvares, em particular a *ars minor* (1573), que era a versão mais curta ou resumida, com regras principalmente latinas que os jesuítas conheciam de cor, e não propriamente a *editio princeps* (1572), com o desenvolvimento do conteúdo e os *scholia* para os mestres de latim. Isto não significa, porém, que as regras não existam no *ars maior*; pelo contrário, como Rosa (2010, pp. 4-6; 2013, pp. 63-68) estabeleceu. É, no entanto, improvável que os missionários jesuítas a soubessem de cor, devido a todos os extensos fôlios e explicações científicas ou *scholia*.

## Conclusão

A *Arte da Lingua de Angola* (Lisboa, 1697) de Pedro Dias, S.J. (1621/1622-1700) é a primeira gramática sistemática conhecida do (Kahenda-Mbaka) Kimbundu, escrita por um missionário português no Brasil, e a segunda gramática impressa de qualquer língua bantu. Ela é o testemunho, no século XVII, do uso corrente e habitual de uma língua africana falada por

escravos brasileiros oriundos da África Ocidental, numa vasta área geográfica não limitada ao estado da Bahia, mas também ao Rio de Janeiro. É possível que a Companhia de Jesus tenha imposto esta variedade diatópica da “língua de Angola” como língua geral em todo o Brasil para o ensino e a conversão dos escravos angolanos e de outros grupos étnicos bantu.

Pedro Dias foi claramente influenciado pela gramática de Manuel Álvares, S.J. (1526-1583) intitulada *De Institutione Grammatica Libri Tres*, em particular pela sua versão mais reduzida ou *ars minor* (Lisboa, 1573), que os jesuítas deveriam conhecer de cor, bem como pela primeira edição do *Gentio de Angola* (Lisboa, 1642) da autoria de Francesco Pacconio, S.J. (1589-1641) e António do Couto, S.J. (1614-1666). No entanto, apesar de utilizar a metalinguagem latina contemporânea, Dias percebeu as principais especificidades do Kimbundu e descreveu esta língua bantu (ou subdialeto) em termos de fonologia, ortografia, morfologia e sintaxe. Por exemplo, compreendeu a ausência de certas categorias no Kimbundu que existiam em latim, tais como declinações e casos, a voz passiva, e a distinção morfológica do género, e reconheceu alguns prefixos ou partículas desta língua africana.

## Referências

ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres. Antonii Vellesii ex eadem Societate Iesu in Eboresi Academia Praefecti studiorum opera aucti & illustrati.** Eborae: Emmanuel de Lyra, 1599. <http://purl.pt/15052>

ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres.** Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572. <http://purl.pt/23043> e <http://purl.pt/23121>.

ÁLVARES, Manuel. **De institutione grammatica libri tres.** Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1573.

ÁLVARES, Manuel. **De Institutione grammatica libri tres. Quorum secundus nuper est ad veterum fere Grammaticorum rationem revocatus.** Roma: Franciscum Zanettum, 1584.

ANGENOT, Jean-Pierre; KEMPF, Catherine Barbara; KUKANDA, Vatomene. 'Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da Dialektologia Kimbundu'. **Papia**, 21 (2), 2011, p. 231-252.

ASSUNÇÃO, Carlos. Portuguese missionary work and inter-linguistic contact in the East. In: GONÇALVES, Henriqueta (ed.), **Metamorfoses: 25 anos do Departamento de Letras, Artes e Comunicação**. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, p. 91-117, 2011.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal**. Vol 1: A-C. Lisboa: Círculo de Leitores & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.

BATALHA, Ladislau [Estêvão da Silva]. **A Língua de Angola**. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz & PETTER, Margarida Maria Taddoni, (eds), **África no Brasil: A formação da lingual portuguesa**. São Paulo: Editora Contexto, p. 15-62, 2008.

BONVINI, Emilio. Revisitando três séculos mais tarde, 'Arte da língua de Angola' de Pedro Dias S.I. - gramática Kimbundu, escrita no Brasil, mas publicada em Lisboa em 1697'. In: PETTER, Margarida Maria Taddoni & MENDES, Ronaldo Beline (eds), **Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics: Exploring the African Language Connection in Americas**. São Paulo: Humanitas, p. 15-45, 2009.

BORTOLAMI, Gabriele. **A Bakongo: Sociedade, Tradições e Mudança em Angola**. Tese de doutoramento, Universidade de Sassari, 2012.

BRÁSIO, António. **Monumenta Missionaria Africana**. 15 Vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar (vols. 1-11) / Academia Portuguesa de História (vols. 12-15), 1952-1988.

BRÁSIO, António. **Monumenta Missionaria Africana**. II Série. 6 Vols. Lisboa: Agência Geral do Ultramar/Academia Portuguesa de História, 1958-1979.

CHATELAIN, Héli. **Grammatica Elementar do Kimbundu ou Lingua de Angola**. Genebra: Typ. de Charles Schuchardt, 1889.

CHORRO, Bartolomeu Rodrigues. **Curiosas advertencias da boa grammatica no compendio & exposição da Arte do Padre Manoel Alvarez em lingua Portugueza**. Lisboa: Antonio Alvarez, 1643. <http://purl.pt/22249>.

DIAS, Pedro. **Arte da Lingua de Angola, oeferecida a Virgem Senhora N. do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos**. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1697. <https://purl.pt/31521>

DIAS, Pedro. Arte da Língua de Angola. In: ROSA, Carlota (ed.), **Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.I.** Rio de Janeiro: 7letras, p. 130-225, 2013.

DOKE, Clement Martyn. Early Bantu literature — The age of Brusciotto. In DOKE, Clement Martyn e COLE, Desmond Thorne (eds), **Contributions to the history of Bantu linguistics**. Johannesburg: Witwatersrand University Press, p. 8-26, 1961.

DOKE, Clement Martyn. **The Southern Bantu languages**. London, New York, Cape Town: Oxford University Press, 1954.

FERNANDES, Gonçalo. Primeiras descrições das línguas africanas em língua portuguesa. **Confluência**, 49, 2015a, p. 43-67. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.v1i49>

FERNANDES, Gonçalo. The first known grammar of the (Kahenda-Mbaka) Kimbundu (Lisbon 1697) and Álvares' *Ars Minor* (Lisbon 1573). **Africana Linguistica**, 21, 2015b, p. 213–232. DOI: <http://dx.doi.org/10.2143/AL.21.0.3122581>

FREIRE, João Nunes. **Margens da Syntaxe com a construcçam em portugues, posta na interlinea do texto das regras della, pella arte do Padre Manoel Alvares da Companhia de Iesu, pera mayor declaraçm aos estudantes, que começam.** Porto: João Rodriguez, 1627. <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000056525>

HOMBURGER, Lílias. **Le groupe Sud-Ouest des langues bantoues: Mission Rohan-Chabot, Tome III, Fasc. 1: linguistique.** Paris: Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 1925.

KEMMLER, Rolf. *De institvtione grammatica libri tres* (Lisboa, 1573): a edição *princeps* da *ars minor* de Manuel Álvares. **Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos**, 17 (1), 2013, p. 43-58.

KEMMLER, Rolf. The First Edition of the *ars minor* of Manuel Álvares' *De institvtione grammatical libri tres* (Lisbon, 1573), **Historiographia Linguistica**, 42 (1), 2015, p. 1–19.

LEITE, Serafim. **Breve História da Companhia de Jesus no Brasil — 1549-1760.** Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1993.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil.** 10 vols. Lisboa: Livraria Portugália (vols. 1-2) / Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (vols. 3-10), 1938-1950.

LEITE, Serafim. Jesuítas do Brasil, naturais de Angola. **Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura**, XXXI (3/4), 1940, p. 254-261.

LEITE, Serafim. Padre Pedro Dias, autor da *Arte da Lingua de Angola*, apóstolo dos negros no Brasil (Nota biobibliográfica). **Portugal em África**, IV (2), 1947, p. 9-11.

LEITE, Serafim. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil (Assistência de Portugal) 1549-1760.** Lisboa: Junta de Investigação do Ultramar, 1965.

LEVI, Joseph Abraham. Portuguese and other European missionaries in Africa: A look at their linguistic production and attitudes (1415-1885). **Historiographia Linguistica**, 36 (2/3), 2009, p. 363-392.

LEWIS, M. Paul, SIMONS, Gary F., & FENNIG, Charles D. (eds.). **Ethnologue: Languages of the World**. 17ª edição. Dallas, Texas: SIL International, 2014. <http://www.ethnologue.com/language/kmb>.

**Lexicon Capuccinum. Promptuarium historico-bibliographicum ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum, 1525-1950**. Roma. Bibliotheca Collegii internationalis S. Laurentii Brundusini, 1951.

LIVINGSTONE, David. **Missionary Travels and Researches in South Africa: Including a Sketch of Sixteen Years' Residence in the Interior of Africa**. London: John Murray, Albemarle Street, 1984 [1857].

MAHO, Jouni Filip. **BOB – Bantu Online Bibliography**, 2009. <http://goto.glocalnet.net/jfmaho/bob.pdf>.

PACCONIO, Francesco & COUTO, António do. **Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé. Obra posthuma, composta pello Padre Francisco Pacconio da Companhia de Iesu. Redusida a methodo mais breve & accomodado á capacidade dos sogeitos, que se instruem pello Padre Antonio do Couto da mesma Companhia**. Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1642.

PACCONIO, Francesco & PRANDONE, Antonio Maria de. **Gentilis Angollae fidei mysteriis Lusitano olim idiomate per R. P. Antonium de Coucto Soc. Iesv Theologum; nunc autem Latino per Fr. Antonivm Mariam Prandomontanum, Concionatorem Capucinum, Admod. Rev. Patris Procuratoris Generalis Comissarij Socium, Instructus, atque locupletatus**. Romæ: Typis S. Congreg. de Propaganda Fide, 1661.

RODRIGUES, Francisco. **História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal**. 4 tomos em 7 vols. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1931-1950.

ROSA, Maria Carlota. *A Arte da língua de Angola* (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572). **Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística**, Ano III, 2, 2010, p. 1-7. [http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque\\_a\\_arte\\_da\\_lingua\\_de\\_angola.pdf](http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque_a_arte_da_lingua_de_angola.pdf)

ROSA, Maria Carlota. O quimbundo em cinco testemunhos gramaticais / Kimbundu language according to five grammars. **Confluência**, 56 (1), 2019, p. 55-113.

ROSA, Maria Carlota. Revendo uma das críticas às descrições missionárias. **Revista de Estudos da Linguagem**, 14 (1), 2006, p. 203-230.

ROSA, Maria Carlota. Uma gramática jesuíta seiscentista: a *Arte da Língua de Angola*, **REDE-A Revista de Estudos Afro-Americanos**, 1 (1), 2011, p. 141-200. <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=4revistaafroamericanas4&page=article&op=view&path%5B%5D=460>.

ROSA, Maria Carlota. **Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J.**. Rio de Janeiro: 7letras, 2013.

SOARES, José. **Explicationes in præcipuam partem totius artis Emmanuelis Alvari quæ syntaxim complectitur**. Ulyssipone: António Craesbeeck, 1659.

STREIT, Robert & DINDINGER, Johannes (eds.). **Bibliotheca Missionum. XVI. Band: Afrikanische Missionsliteratur 1600-1699**. Freiburg: Herder, 1952.

VETRALLA, Giacinto Brusciotto a. **Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae a F. Hyacintho Brusciotto a Vetralla Concionatore Capuccino Regni Congi Apostolicae Missionis Praefecto**. Romæ: Typis Sacra Congregatio de Propaganda Fide, 1659.

ZWARTJES, Otto. **Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2011.

ZWARTJES, Otto. Tiempo y aspecto verbal en las primeras gramáticas de lenguas bantúes de las misiones católicas (siglos XVII-XVIII). **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, volume VII, 1 (13), 2009, p. 233-261.